

Perspectiva de vendas

Lazaro Marques *

Com mais de 45 mil estabelecimentos, o comércio do Distrito Federal prepara-se para enfrentar os dois últimos meses de um ano que está sendo dos mais amargos tanto para o empresariado como para os consumidores, porque o dinheiro está escasso. A perspectiva é de que as vendas aumentem 5% em relação ao Natal do ano passado.

Esse incremento pode ser atribuído a vários fatores, mas o principal deles, sem dúvida alguma, é a falta de credibilidade das 124 feiras existentes no Distrito Federal e, em particular, a Feira do Paraguai.

Reunidas em desconfortáveis barracas onde impera o mau-gosto, elas desafiam o governo porque, em sua maioria, não pagam impostos. E mais: os produtos que vendem não oferecem a mínima garantia a quem compra. A procedência geralmente é duvidosa, ao que se soma agora um fato novo.

É que as feiras estão vendendo muitos produtos a preços altos em comparação com os praticados pelo comércio legalmente estabelecido e que paga mais de 58 impostos e taxas. Paralelamente, surge outro dado inovador. Com a estabilidade da moeda, o perfil do consumidor mudou e ele está mais exigente.

Ele compra menos, é verdade, mas ao fazê-lo exige qualidade, melhor atendimento e bom preço exatamente porque hoje, com o Plano Real, o dinheiro vale mais porque não é corroído pela inflação que chegou a 84% em dezembro de 1984.

Hoje, a inflação anual é de apenas 4%, comparável ao cenário econômico vivido em países do Primeiro Mundo onde muitos cultivam o hábito de guardar moedinhos porque elas têm valor. Antes do Plano Real, até mesmo falsos guardadores de carros (flanelinhas) recusavam moedinhos no Brasil. Exatamente porque elas quase nada valiam.

Pronto para vender mais em novembro e dezembro, o comércio do DF poderia estar registrando maior movimento de vendas se os 310 mil funcionários públicos ativos e inativos da cidade tivessem recebido aumen-



to salarial nos últimos três anos. Como nada tiveram de reajuste, isso se reflete no comércio, obrigado a reduzir, nos últimos três anos, de 122 mil para 102 mil o número de seus empregados.

Além disso, aluguéis irreais também provocaram o fechamento ou mudança de pelo menos 750 lojas nos últimos 48 meses. Atualmente, é impossível pagar, por exemplo, R\$ 3.500,00 mensais de aluguel por uma loja numa superquadra da Asa Sul porque não terá vendas que justifiquem tal gasto, sem contar a carga de tributos e gastos com funcionários.

Aos poucos, comércio e consumidores vão se adaptando ao Plano Real, que impõe uma menor margem de lucro (como nos Estados Unidos, só para citar um exemplo não muito distante) e um maior controle de qualidade para reduzir as reclamações dos clientes.

Num ano marcado por dificuldades, a inadimplência no último trimestre deverá ser de 13% porque, além do funcionalismo não dispor de aumento salarial, os juros cobrados pelas financeiras situavam-se na faixa de 9,06% ao mês (ou 183,75% ao ano). Já era muito para uma inflação de apenas 4% de janeiro a dezembro. A política de juros altos imposta pelo governo acaba prejudicando o comércio.

É de se esperar um 1998 bem melhor com o consumo aquecido e taxas de juros mais compatíveis com a inflação. Assim, o emprego de muitos estará garantido e as lojas venderão mais.